

TANTRISMO e XAMANISMO**LYNN MARIO MENEZES DE SOUZA**

Na reunião ordinária do Núcleo da Poética da Oralidade, no dia 13 de Março de 2002 (primeira reunião do ano), o professor Lynn Mario Menezes de Souza falou sobre os fundamentos do tantrismo e sua relação com a memória, performance e hipertexto.

Transcrição: Conceição Aparecida Cabrini

O tantrismo nasceu na Índia no século V a.C. e pode ser considerado uma reação ao vedismo ariano em seu sistema patriarcal e sua divisão em castas.

O tantra não é religião mas uma série de práticas que se colocam contra a ortodoxia e os dogmas védicos e buscam recuperar as culturas xamânicas que passaram a ser vistas como práticas baixas que ameaçam a ordem. Enquanto no vedismo a figura do divino é de difícil acesso e sempre mediatizada representando uma forma de controle, no Tantra o divino é imanente, interior, por isso não há necessidade de se retirar das práticas cotidianas. Para conseguir a salvação, esta é imediata, o contato com o divino é aqui e agora.

Abandona assim a noção de devoção, o processo infinito de purificação: cada um tem contato direto com o divino, não há necessidade de sacerdote. Com isso todos se tornam divinos.

Para tanto, a ênfase é na figura da mãe, é o domínio da força feminina - Kali é o poder da criação. Há no Tantra a junção da força feminina com a masculina, Shiva, que é a força constante, passiva, que destrói e cria. O homem planta a semente mas é a mulher que cria - a força masculina é da criatividade e a feminina é da construção, a criação é o que dá forma.

Para a ortodoxia védica a figura de Kali é a força do mal. Mas para se chegar até Kali deve-se ver a mãe em sua figura horrível (passa pela ilusão). Kali amamenta o filho e tira o sangue é o dinamismo da força da natureza. Cria-se algo novo com os restos dos corpos mortos, pois a morte é uma re-criação. O novo se dá a partir da destruição é o caos. Este é recriado e domina a ordem.

Shiva vem para equilibrar, para lembrar da necessidade do equilíbrio. É o limite. Na performance há necessidade de que alguém imponha os limites.

Todos nós temos a força cósmica que se divide em masculina e feminina: o oxigênio, masculino, toma forma visível na voz, a força feminina. O sopro é masculino e a voz feminina - o corpo é masculino e o osso feminino. A criatividade vira criação...

No vedismo os mantras viram significados e no tantrismo o significado não é mais importante, os sons nucleares produzem vibrações e têm determinados efeitos sobre o corpo, os sons parecem palavras, não tem a significação destas, elas valem pelo som. É o aspecto mnemônico dos mantras. Apenas o som, não são rezas, o importante é a vibração, o A pronunciado desde o plexo solar, pulmões cheios de ar, U na garganta, o M no palato.

Na base da coluna, armazena-se a força vital masculina e feminina. O kundalini ascende para se liberar. A serpente é a força masculina que desce.

O texto assim, recria o autor, a autoria existe mas é transformada, não se separa o autor do texto. É a intertextualidade que pode interferir em tudo. Como intersecção. O Tantra é uma rede infinita, não há uma visão externa, somos um módulo que permite inteligência com todas as modalidades: voz, corpo, respiração, gestualidade - é a ação.

As práticas yoga constituem imobilidade, os rituais tântricos são de movimento. Não há restrição alimentar, come-se carne, peixe e pratica-se sexo ilícito, não há ortodoxia, pois o caos recupera a ordem.

O texto, não necessariamente a escrita, tem sentido imanente. A criação e a criatividade têm a ver com o hipertexto, o contato metonímico. A contigüidade, a imagem do cone que nos liga com o todo.

Performance Xamânica

Não há autor nem texto específico, apenas a semente, o texto de origem que desenvolve forças vitais em cada ator. Atores e diretores constroem uma performance. A força vital e divina são as mesmas coisas. Cada ator interage com o outro, as forças verticais passam para o plano horizontal, todos participam, não há fronteiras. A obra em processo representada pela própria Kali, não se cria a partir do nada, há um processo de ruptura e pedaços do corpo.

O ator se transforma em novo personagem, poesia transcendental, a obra nunca é completa sempre em processo: Kali é sempre morte e sempre criação.